

O DISCRETO CHARME DO PRECARIADO

Conta-se que, certa vez, quando Félix Guattari esteve em São Paulo, perguntaram-lhe delicadamente se poderia moderar sua linguagem, evitando recorrer a tantos neologismos¹ - corria o risco de ser confundido com um membro de uma das seitas locais. Guattari respondeu calmamente: inventar conceitos era uma aventura. E os conceitos que inventava - seus trocinhos, como ele dizia, suas "maquininhas" - eram sua aventura pessoal. Não eram um meio de comunicação, tampouco um instrumento de marketing. E acrescentou: uma trajetória assim soberana, como a sua, geralmente era solitária, acompanhada ocasionalmente por um eco, ou alguns amigos. Então, após um breve silêncio, subitamente perguntou: o que valeria a vida, se não pudéssemos inventar novas palavras e conceitos? Isso fica ainda mais claro em seu belíssimo e penúltimo livro *O que é filosofia?*, escrito com Gilles Deleuze: a tarefa da filosofia é criar novos conceitos, novas pequenas máquinas.

Mas como se faz para reconhecer um novo conceito - ou uma nova pequena máquina? Segundo Deleuze, é possível reconhecê-lo por ser ele estranho e necessário. E isto ocorre somente quando o conceito responde a um verdadeiro problema. A distinção que Deleuze faz entre um falso problema e um problema verdadeiro é muito importante, porém não é o lugar de aprofundá-lo². A seguir, tentarei delinear alguns componentes parciais daquilo que, penso eu, consiste um verdadeiro problema atualmente, e de que forma as pequenas máquinas de Guattari poderiam responder-lhe.

Que seja eu a apresentar estas considerações é um puro acaso, pois estas notas são apenas a expressão parcial e insuficiente das ideias que surgiram lenta e silenciosamente nas pesquisas realizadas pela *Molecular Organization* e *Guattari Master Class* na *School of Economics* e na *Future Art Base*, em Helsinki.

¹ Peter Pál Pelbart, "Un droit au silence", *Chimères. Félix Guattari: Textes et entretiens*, v. 2, n. 23. Paris, 1994, p. 169-178.

² Talvez baste dizer, para nosso propósito, que se a articulação do problema só se concentra na sua expressão visível, terminamos no mesmo lugar de onde acabamos de sair, como em um labirinto. cf. Gilles Deleuze, *Le Bergsonisme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1966.

economia e mecanismos de subjetivação

A produção da subjetividade

Os mecanismos de acumulação cognitivos e afetivos transformaram inteiramente a economia. Da produção de objetos para sujeitos - tal como a produção de bens continua sendo erroneamente entendida - passou-se à produção direta de subjetividade. A economia atua diretamente no sistema nervoso, afetando particularmente a percepção ético-estética, isto é, a capacidade de entender sentidos que não podem ser expressos em palavras.

Dito de outro modo, a economia não funciona apenas através de valores de troca, valores monetários, mas também através de mecanismos de subjetivação. Estes são os meios mais importantes de organização da acumulação em uma economia onde nossas capacidades de entender e de aprender, de sentir e de criar sentido, de se relacionar com a presença dos outros, têm substituído as máquinas e o trabalho direto como forças centrais de produção. A economia tornou-se produção de subjetividade³.

No semiocapitalismo a essência da produtividade já não se encontra na capacidade de reduzir os custos de produção por unidade; mas sim na capacidade de responder às situações inesperadas e oportunidades imprevisíveis. Isto explica porque a produtividade do conhecimento e do trabalho afetivo é cada vez mais baseada na autonomia da performance do trabalho. A produção ocorre na "cabeça", na "comunicação" ou "cooperação entre cérebros": não pode ser organizada e controlada tal como o trabalho industrial, ao nível do desempenho físico ou com métodos ligados a espaços específicos (o campo das práticas disciplinares). Esta é a origem da natureza autônoma do conhecimento e do trabalho criativo, mas também a razão do surgimento de novas formas de controle e organização, que não se restringem aos limites de tempo e espaço do trabalho formal, incidindo diretamente 'dentro da cabeça', ou seja, produzindo as condições de trabalho na esfera da subjetividade. Razão pela qual fazer dinheiro, hoje em dia, tem muito mais a ver com a "produção de mundos" do que com a "produção de bens materiais", como coloca Maurizio Lazzarato.

produção de mundos, não mais de mercadorias

³ Sobre a genealogia da economia e a tese do fim da economia em seu sentido moderno e seu retorno às suas raízes como oikonomia cf. Akseli Virtanen, *Biopolittisen talouden kritiikki [A Critique of Biopolitical Economy]*, Tutkijaliitto, Helsinki, 2006. A ser publicado pela n-1 como *Crítica da economia biopolítica*.

"transferência dos mecanismos de produção de valor para a esfera do ambiente mental"

problema não sem-pre molar e molecular

relação entre molar e molecular e constituição do sujeito-fator

O semiocapitalismo é menos uma forma de produção do que a produção de uma forma: um maneirismo, produção de hábitos, crenças, desejos, concepções e expressões de subjetividade nele incorporadas. É um bloco "produtivo-econômico-subjetivo", como diz Félix Guattari, e somos nós mesmos os órgãos essenciais para o funcionamento deste bloco: nossas sensações, percepções, esperanças, desejos e fantasias imaginárias não são algo separado, mas componentes integrais do funcionamento da economia. Essa transferência dos mecanismos de produção de valor para a esfera do ambiente mental é muito mais importante para a análise da nossa psique do que as relações com a mãe ou a família. É isto que Deleuze e Guattari quiseram dizer na famosa análise apresentada em *O Anti-Édipo*: o desejo é social, o capitalismo trata da apropriação da produção desejan-te.

o capitalismo se apropria da produção desejan-te

Guattari afirma que a análise da formação social do desejo é uma questão micropolítica. Trata-se do modo pelo qual o nível molar, estratificado, estável e perceptível da sociedade atravessa e se conecta aos elementos parciais, moleculares, invisíveis e processuais da produção da subjetividade, sempre abertos para o futuro. Molar e molecular não estão em oposição: os verdadeiros problemas são sempre e ao mesmo tempo molares e moleculares.

nível molecular é constituído de diversos componentes heterogêneos

É por esta razão que na análise micropolítica a subjetividade e a dinâmica dos grupos nunca podem ser separadas de algum tipo de realidade social ou material, ou dimensão 'política' real. Ao contrário, os verdadeiros problemas são sempre constituídos por diversos componentes heterogêneos, múltiplos processos de subjetivação, onde conexões emergentes entre componentes parciais se agitam, e são construídos e destruídos em diferentes agenciamentos e momentos.

É no interior destes agenciamentos que a microanálise deve captar os componentes parciais de subjetivação, mapear as relações entre forças molares e moleculares a fim de possibilitar aberturas para o futuro, e talvez, tornar nossos territórios mais habitáveis. Pragmáticas existenciais, esta é a função que Guattari identificou na máquina Kafka: trabalhar com a existência em mutação, ao mesmo tempo se deteriorando, se desterritorializando, mapeando a si mesma e engendrando devires.

→ em mutação

fundamento - tempo

formular sua própria
problema é resistência

O verdadeiro espírito da acumulação semiocapitalista está em que ela não se restringe ao campo da mais-valia econômica, mas usa todos os meios possíveis de captura e gestão da subjetividade, de suas capacidades e poderes, de apropriação e modulação do tempo, do desejo e da criatividade do sujeito. Ela não só opera na dimensão de nossas ações reais em tempos e espaços específicos (tarefas de trabalho, lugares e horários de trabalho reais) como também enterra seus dentes diretamente no molecular, no aleatório, no incerto e indeterminado que ainda se encontra em processo de devir. É por isso que a questão do "devir", como em Kafka, a do possível em nossa própria vida, a da criação de nossos próprios problemas interfere diretamente no espírito da acumulação semiocapitalista.

captura da subjetividade e devir

ecologia

Ao estender as estruturas e riscos de produção às estruturas da subjetividade, incluindo o sentido, o desejo e as relações, o semiocapitalismo levou a crise ecológica até nosso ambiente mental e social. A questão da ecologia das "espécies" incorporais, de pensamentos, desejos, sentimentos, estados mentais e modos de cooperação é um problema tão urgente quanto aquele da ecologia do mundo natural. Colocar a questão da ecologia virtual não significa retrair-se para dentro de si, tampouco renunciar ao compromisso político. Ao contrário, significa repensar práticas políticas, meios de cooperação e ação colaborativa numa situação histórica em que as velhas práticas sociais de solidariedade e de ação coletiva deixaram de operar.

crise ecológica até o mental

o problema: captura do devir

Descobrimos assim, por trás da questão da precariedade e das transformações na produção e na economia, um verdadeiro problema que tem a ver com nossa ecologia mental: a questão dos novos controles que penetraram nossas subjetividades e relacionamentos, e a necessária mutação do "lugar" da resistência. O que está em questão é a própria possibilidade de devir.

resistência: devir

Do modo como Guattari o entende, partindo de Kafka, "devir" refere-se sempre à possibilidade de um processo se tornar singular ou não. Confrontado às novas formas de controle que operam sobre as condições do pensamento e do comportamento, vou perdendo minha singularidade, meu modo próprio de respirar, sentir, pensar, desejar e não desejar, bem como minha capacidade

a questão do futuro

de dar a isso alguma expressão particular. A questão do futuro deveria começar pela compreensão da relação entre o esgotamento do possível que está à nossa disposição e a forma pela qual o valor é produzido no semiocapitalismo.

Mobilização do pathos

A força de trabalho vem se descolando das coordenadas espaciais, físicas e biológicas que caracterizavam a produção industrial, e se torna uma categoria "potencial", "abstrata" ou "imaterial" sem existência espacial e temporal distinta⁴. Com o conceito de força de trabalho imaterial refiro-me àquela dimensão da vida humana – chamada por Henri Bergson de duração – que impede que tudo seja dado imediatamente, e graças à qual não somos redutíveis à nossa existência espacial ou à nossa posição em um continuum cronológico. Ou seja, refiro-me à dimensão da vida humana que se tornou a força essencial de produção na economia semiocapitalista, e que cria dificuldades para qualquer tentativa séria de se pensar a organização. Não se trata apenas da capacidade para a abstração ou para as operações intelectuais, mas também da dimensão da memória e da simpatia, das emoções e sentimentos, forças afetivas e tendências, que me compõem com a impossibilidade de não amar.⁵

força de trabalho imaterial al = duração Bergson
tudo alma

A economia se tornou "mobilização de pathos e organização de estados de ânimo".

Porém, é extremamente árduo colocar para trabalhar, continuamente e sempre mais, nossa alma e nossas capacidades páticas quando a magia do trabalho, a certeza, a estabilidade e previsibilidade que a vida antes oferecia parecem ter perdido totalmente a credibilidade – assim como qualquer promessa de subjetivação coletiva. O semiocapitalismo é cooperação sem memória. No estado subjetivo da mente esta precarização do trabalho se exprime como perda de coerência, esgotamento, cinismo, oportunismo e instrumentalização das relações sociais.

4 Akseli Virtanen, "Immaterial as Material". Exhausting Immaterial Labour in Performance. Joint Issue of *Le Journal des Laboratoires* and *TkH Journal for performing Arts Theory*, n. 17, oct., 2010, p. 17-22.
5 Franco Berardi, *Soul at Work. From alienation to autonomy*, Los Angeles, Semiotext(e), 2009. Antonio Negri, *The Labor of Job: The Biblical Text as a Parable of Human Labor*, Duke University Press, 2009.

A lógica da produção de valor mudou: o trabalho, no sentido tradicional do termo, e a fábrica como seu modelo de produção, se transformaram em meros "custos" que devem ser eliminados do sistema. Este esforço em afastar-se da "economia de produção" se expressa em redundâncias, racionalizações e fechamento de fábricas -, mas a razão para a redução de custos é a transformação que ocorre no seio da produção de valor.

O valor já não é criado diretamente pelo trabalho e pela produção material, sequer é criado em um lugar particular (fábrica/escritório) ou num tempo particular (tempo de trabalho). Seu lugar é a sociedade inteira e seu tempo é o "momento certo" indeterminado ou aquele em que se tira proveito de qualquer oportunidade.

Normalmente entendemos por *trabalho precário* uma situação de trabalho onde nenhuma norma estável pode ser determinada em relação ao vínculo empregatício, à remuneração e ao horário de trabalho. Entretanto, o essencial da precarização não é a falta de normas relativas à relação de emprego - normas consideradas centrais no modelo fordista-keynesiano, que afinal só foram aplicadas durante um breve período, na metade do século XX -, mas a diminuição da relevância do trabalho atrelado a um determinado lugar, tempo e desempenho na produção de valor econômico. O trabalho se desprende de lugares, tempos e conteúdos específicos e se transformou em uma categoria abstrata. Contudo, esta abstração do trabalho e do nosso compromisso para com ele é algo real e concreto: "trabalho abstrato" tornou-se uma categoria empírica, experiencial⁶. A experiência da abstração do trabalho (o descolamento em relação à sua concretude) se expressa, por exemplo, na perda de confiança em relação à permanência no emprego ou mesmo com relação à estabilidade da comunidade próxima. Ocorrem mudanças repentinas e deslocamentos em nossas profissões e áreas de trabalho, e temos que nos mover de tarefa em tarefa, de projeto em projeto. Lugares e tempos de trabalhos variam, e mais importante do que aprender algo ligado a um conteúdo específico é hoje "aprender a aprender". Assim, como em qualquer empresa, preciso acompanhar

⁶ Para o conceito de "real abstrato" cf. Akseli Virtanen, "Arbitrary Power, or on Organization without Ends" (conferência). *Ephemera. Theory & Politics in organization*, 2009. *The Swedish Dance History*, Inpex, Stockholm, 2010.

a produção de valor não se dá mais na fábrica nem em tempo det.

Precarização do trabalho em lugar e tempo det.

o que acontece à minha volta ao mesmo tempo em que devo evitar uma relação excessiva ou profunda com as coisas que faço ou as pessoas que encontro. O compromisso é um risco, e pode levar ao fracasso pessoal quando as opções precisam ser deixadas em aberto em meio à multiplicidade de possibilidades imprevisíveis. De maneira que é preciso ter um interesse oportunista em relação a tudo, e ao mesmo tempo é preciso, cinicamente, não ter interesse em nada, sendo mais prudente manter-se um pouco distante e entediado.

Distância, cinismo, agitação contínua, tédio e esgotamento são talvez os estados que melhor descrevem nossa experiência de trabalho hoje em dia⁷. Mas o que seria a agitação? É o oposto do ascetismo. Estou inquieto quando sei que deveria fazer algo, mas não sei o que, ou como fazê-lo. Dentro de mim há uma vontade e um desejo que estão em constante agitação, mas não têm nenhuma direção ou propósito específico. Não ter sossego é sentir diretamente à minha frente o abismo de possibilidades. Estou pronto para qualquer coisa, as portas do mundo estão abertas para mim, mas estou agitado porque ainda não encontrei nada em particular para dizer ou fazer, ou já vejo que minha ação vai levar a resultados contraditórios ou, na melhor das hipóteses, a nada: cinicamente permaneço fora da esfera de ação. O que é o tédio? Estou entediado quando não há nada no mundo que possa me interessar: já vi tudo, já fiz tudo. O mundo não pode me oferecer nada novo. Olho para tudo sem nenhum interesse intelectual nem emocional. Se a agitação é puro desejo de ação sem uma direção ou origem clara, o tédio é um estado mental no qual se percebe que não existem motivos para a ação, que todos os motivos são triviais e vãos. Estou entediado quando não estou mais interessado em fazer ou em dizer nada em particular, saí da esfera de ação. O estado mental precário significa sentir ao mesmo tempo a abundância de possibilidades e a arbitrariedade e trivialidade das razões e finalidades de todas as coisas. É uma experiência ontológica que se revela fenomenologicamente, e talvez seja a experiência mais cruel de todas, como disse Giorgio Agamben. A experiência da potencialidade.

⁷ Jussi Vähämäki, *Kuhnurien kerho [Drones Club]*, Tutkijaliitto, Helsinki, 2003.

agitação cinismo

o tédio

excesso de signos

A fuga do sentido

materia - p/ a construção dos novos mecanismos de controle

O sentido pode ser visto como a redução da realidade a uma concatenação enunciativa finita⁸. Quando a infosfera - a dimensão de signos intencionais ao redor do organismo sensível - é suficientemente lenta para ser classificada e esquadrihada pela mente, podemos então extrair sentidos, achar um ritmo comum, uma harmonia, algo que Guattari chamou de ritornerlo. Mas quando a infosfera excede o ritmo de elaboração da mente (quando o fluxo semiótico é demasiado rápido para que nossa mente possa processar a informação de forma racional) a psicofera é afetada, e o sentido não pode ser construído e compartilhado. O sentido nos escapa, já não pode ser compreendido enquanto explicação finita e ferramenta útil para a interação social e o entendimento. É a partir desta fuga do sentido que os novos mecanismos de controle são construídos.

sobre-produção semiótica

A sobre-produção é uma característica inerente ao capitalismo já que, mais do que a lógica das necessidades concretas dos seres humanos, a produção de bens corresponde à lógica abstrata da produção de valor. No entanto, o tipo de sobre-produção manifesta no semiocapitalismo é especificamente semiótica: um excesso infinito de signos circula na infosfera saturando a atenção coletiva e individual⁹.

Como Franco Berardi observou, já não vivemos no quadro conceitual traçado por Freud em *O Mal-estar na civilização*. Em termos freudianos, na base da patologia está o encobrimento: algo nos é escondido, subtraído e então desaparece; estamos impedidos de algo. Um regime semiótico pode ser caracterizado como repressivo quando um e somente um significado pode ser atribuído a seu significante. Daí se ouvir em toda parte o sussurro: "O que o líder quis dizer?" e a posição do líder-déspota é naturalmente paranoica: "Eles entenderam minha mensagem? Estão todos obedecendo? Alguém está tentando escapar ao meu controle?". Porém, já não estamos mais lidando com os efeitos

m. dita - p/ m.

8 Franco Berardi e Akseli Virtanen, "Parvi/Häiriö/Mielivalta [Swarm/Distruption/Arbitrary power]". *Niin & näin filosofinen aikakauslehti*, v. 66, n. 3, 2010, p. 35-44.

9 Franco Berardi, *Precarious Rhapsody. Semiocapitalism and the pathologies of the post-alpha generation*, London, Minor Compositions, 2009, p. 108.

da repressão ou do poder disciplinar. As desordens comunicacionais e o estado mental precário não são patologias da repressão, da eliminação, da ocultação, da restrição ou da exploração direta. Ao contrário, são efeitos da inflação semiótica, do excesso de sentidos e informação, excesso de possibilidades e visibilidade, de uma contínua sobrecarga de estímulos infoneurais e sobreinclusão¹⁰.

m. controle a neurose mudou

Talvez pudéssemos dizer que, se antes Freud identificou a neurose como patologia social dominante, que ele acreditava ser resultante de um processo de descolamento e remoção, hoje ela se define mais por uma psicose relacionada à sobrecarga de energia e informação e ao desaparecimento de centros de sentido e identificação. Diversamente da neurose, que é simbólica, pois opera no nível retórico e linguístico do descolamento e na base normativa do Édipo, a psicose nunca se caracteriza pela castração simbólica. Ao contrário, aquela que Berardi chama de *a primeira geração vídeo-eletrônica* tem dificuldade em compreender o sentido afetivo das palavras, porque aprendeu mais palavras com as máquinas do que com as mães e, assim, perdeu a conexão afetiva com a linguagem. Os problemas de comunicação dessa geração, tais como distúrbios de pânico, TDAH, dislexia, sem mencionar os incompreensíveis assassinatos na escola na Finlândia, são os primeiros efeitos das patologias da inflação do sentido e da hiperexpressividade.

esquiza feição

Encontro-me como habitante do universo semiocapitalista, caracterizado pelo excesso de velocidade dos significantes e pela ausência de centros de significado estável. É isto o que caracteriza a interpretação esquizofrênica para Gregory Bateson. Para ele, um esquizofrênico tem dificuldade em construir uma relação comunicativa com mensagens provenientes de outras pessoas, sejam mensagens verbais ou não verbais, e com o próprio pensamento, sensação e percepção¹¹. Estas dificuldades agora pertencem a todos nós. Expostos a uma sobrecarga de impulsos significantes sinto-me incapaz de processar o sentido das declarações e estímulos de uma forma significativa baseada, por exemplo, nos valores de verdade de enunciados sucessivos. Ao invés disso, os sinais e

excesso de estímulos -> pulso do sentido

10 Peter Pál Pelbart, *Vida Capital. Ensaios de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras, 2009, p. 109-116; Franco Berardi, *Tietotyö ja prekaari mielentila [Infolabour and Precarious States of Mind]*, Helsinki, Tutkijaliitto, 2006, p. 96-98.

11 Gregory Bateson, *Steps to an Ecology of Mind. Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1972, p. 194-200.

comunicar por outros
independente da minha
percepção, prescinde de
significações

as coisas se conectam entre si independentemente do controle subjetivo que eu possa ter sobre eles. É um tipo de lógica maquínica onde os processos não funcionam por meio de significação, mas por contaminação afetiva ou sintonia de frequências, vibrações e bifurcações que só começam a acontecer para mim, apesar de mim, sem mim.

O pânico, por exemplo, - experiência corporal da perda de controle, falta de ar, e aceleração do batimento cardíaco, que pode provocar desmaios e bloqueios na capacidade de comunicação - está relacionado com a sensação de sobrecarga ao sermos confrontados com a infinidade da natureza ou com a infinidade de significados. Sua raiz etimológica é *Pan*, palavra grega que significa "tudo que existe", e talvez por isso os gregos tinham medo dos rugidos de *Pan*, da loucura irracional - pânico (*panikon deima*, a sensação de medo súbito, horror, ansiedade ou insegurança, que toma conta e tão facilmente se apossa de grupos de animais e de homens) - causada pelo protetor de pastores e rebanhos, que surgiu e se espalhou quando as pessoas afastaram-se para longe dos deuses ou dos sentidos e das fronteiras políticas existentes.

A depressão também tem sido relacionada ao alargamento dos limites e sentidos que orientam o comportamento das pessoas. O crescimento do fenômeno pode ser ligado ao momento em que os modelos de comportamento disciplinar, regras de autoridade, significados e regulamentos claros, bem como seus centros de controle, começaram a colapsar¹². Quando as exigências de comportamento individual, de tornar-se você mesmo e aproveitar as oportunidades de sua vida, começaram a se tornar dominantes, a responsabilidade pela própria vida passou a ser totalmente atribuída ao indivíduo. Doravante tudo é possível, todas as janelas do mundo estão abertas para você: basta fazê-lo! Como diz Bifo, a raiz da depressão está no sentimento de inadequação e impotência, na exaustão sob o peso de ter que encontrar sua própria potencialidade e de tornar-se si mesmo. A percepção de que sou um perdedor na relação resulta em uma espécie de grau zero do intercâmbio entre mim e o mundo. Quem já tentou motivar uma pessoa deprimida reconhecerá o olhar gelado que se obtém em troca: não quero, não me importo.

¹² Alain Ehrenberg, *La fatigue d'être soi: dépression et société*, Paris, Editions Odile Jacob, 1988; Franco Berardi, "The Pathologies of Hyper-Expression. Discompant and Repression". *EIPCP. Transversal. Art and Police*, n. 10, 2007.

o semiocapitalismo pensa
na alma

O semiocapital e o poder arbitrário

O semiocapitalismo - onde os valores são produzidos mais com palavras do que com máquinas, onde os produtos são antes símbolos, imagens, projeções, expectativas e instrumentos de comunicação do que coisas materiais, e onde a produção de valor coincide cada vez mais com a produção semiótica - não só transforma o trabalho em lucro, mas penetra profundamente o tecido de nossa existência. O capital não é simplesmente uma categoria econômica relacionada à circulação de bens e serviços e à acumulação de riqueza. Tentamos abordá-lo como um operador semiótico muito mais íntimo, e por isso falamos de *semiocapital*.

Enquanto operador semiótico, o capital interfere tanto na esfera da produção do sentido (significando) quanto na esfera em que não estamos mais lidando com efeitos do significante, mas com efeitos que não têm um significado, que não precisam de um sentido para funcionar e produzir alguma coisa: os *frissons*, *flashes* e ondas de medo, de pânico, de inquietação e ansiedade que circulam pelos nossos estados de espírito, nascem, transmitem-se e viajam nessa região. Assim como um som, que é composto de intensidades, intervalos, um ritmo e um tempo, eles têm efeitos muito variados e muito mais diretos sobre nós do que o significado das palavras - como em *A Metamorfose*, de Kafka, onde a música tocada por sua irmã fala diretamente aos sentidos de Gregor, que se sente como uma porta se abrindo para uma fonte de alimento desejada e desconhecida. Máquinas de signo a-significantes não operam ao nível da compreensão consciente e da linguagem, mas diretamente através do sistema nervoso, dos afetos e do inconsciente. Não produzem significados, simplesmente funcionam sem significar qualquer coisa, sem fazer sentido algum. Os processos a-significantes são apenas meios operacionais sem qualquer dimensão significante ou interpretativa que possa fixá-los ou retardá-los. Eles não reconhecem pessoas, indivíduos ou sujeitos, mas tocam e ligam intensidades, elementos pré-pessoais, pré-linguísticos e pré-comunitários, que se movem como partes de uma máquina, num nível "molecular". A *esquizoanálise* de Guattari pretende trabalhar neste campo lidando com as características semióticas e materiais dessa interação - que ultrapassam os sistemas de significação e representação no interior dos quais as subjetividades

ou seja, não é mais necessário
pensar, mas só ter o corpo

pânico
pan = tudo

depressão

individuais se reconhecem entre si, se envolvem em diálogos, cooperam, exploram e se alienam.

Daí a *semiótica institucional* referida por Guattari, cujo âmbito deve ser ampliado, abrangendo domínios não apenas linguísticos e humanos; daí também a *subjetividade maquínica*, forjada no entrecruzamento de muitos componentes parciais, heterogêneos, contraditórios e independentes, que não necessariamente se encaixam.

O ponto de partida do trabalho da *Molecular organization* foi a realização de uma cartografia da subjetividade produzida e consumida por mecanismos de valoração semicapitalista. Esta cartografia tem sido essencial para compreender que a produção de subjetividades não é apenas uma questão humana, de troca semiótica entre humanos, mas que há igualmente uma espécie de "*consistência maquínica*" que opera sem qualquer mediação significativa e interpretativa. É por isso que as teorias políticas que enfatizam a fala, a linguagem e a comunicação ou que as consideram como as únicas expressões válidas da política, são tão fracas atualmente. Como Maurizio Lazzarato também o notou, o poder de agir da linguagem, como era exercido na pólis grega, por exemplo, já não é suficiente para descrever a "palavra política" dos novos mecanismos de controle¹³.

Em uma situação em que nos confundimos com sinais mistos (excesso de informação contínua) ou em que está perdida a crença no sentido, no valor e na finalidade comum tomadas como uma razão externa capaz de dirigir nossas ações - e precisamente aqui se encontra o motivo pelo qual experimento hoje, ao mesmo tempo, a abundância de minhas possibilidades e a arbitrariedade

¹³ O problema da política hoje diz respeito não só ao nível da representação, mas ao da produção da subjetividade. E esta, por sua vez, é uma questão de níveis semióticos heterogêneos. O que é essencial aqui não são os significados, mas a construção de agenciamentos coletivos de enunciação heterogêneos que deem suporte e consistência às mutações na subjetividade. Nosso recente trabalho com Félix Guattari, assim como o trabalho dele com Kafka, é um projeto em direção ao futuro. Tentamos entender a natureza maquínica a-significante do funcionamento semicapitalista, por um lado; e extrair os objetos parciais ético-estéticos dos ritornelos dominantes, do senso comum e das repetições mortíferas das nossas vidas, por outro lado: de que forma certos processos começam a se tornar autônomos, a trabalhar por si mesmos, a criar mutações irreversíveis e a produzir novos universos de referência? Tentamos avançar em direção a experimentos organizacionais que reúnem o mapeamento de nossos territórios existenciais, e criam cortes e aberturas em relação aos ambientes e padrões que parecem condicionar nosso pensamento e nossa conduta.

de todos os argumentos e objetivos (a experiência simultânea de agitação e depressão, tédio e pânico) - estes processos maquínicos a-significantes ganham um papel organizacional cada vez mais importante.

Mielivalta é um conceito que temos utilizado para compreender melhor esta forma de organização. É uma palavra finlandesa específica, que combina ambos os sentidos do poder emergente. Literalmente quer dizer "poder-da-mente" e "poder-da-memória" ou "poder-do-sentido"; *valta* é poder e *mieli* tem sua raiz etimológica nas palavras do alemão *der Sinn* (sentido), *die Launen* (humor), *die Lust* (desejo), *der Verstand* (razão, entendimento), *die Erinnerung* (memória). *Mielivalta* não é poder sobre a vida biológica atual, mas sobre a dimensão potencial ou não-atual da vida, sobre a vida da mente. Mas o primeiro significado de *Mielivalta* é um uso do poder que não está baseado na razão (nem no significado, na lei, nas normas, nas regras, nos fatos objetivos), ou seja, um poder que é insensato e arbitrário. *Mielivalta* é poder arbitrário e arbitrariedade significa aqui a explosão da infoesfera, a indeterminação e a erosão das bases, valores e significados que já não podem operar como fundamentos legítimos das ações.

O poder arbitrário não é somente o poder da mente sobre a vida, mas também o poder capaz de operar na ausência de sentido, em meio à inflação do sentido e ao consequente "estado de falta de sentido" - assim os escritores espanhóis descreveram a primeira inflação econômica e suas consequências, no século XVI. *Mielivalta* é uma pequena máquina que pode conectar a mobilização da alma no trabalho com os valores e significantes flutuantes: o nexo entre a perda de confiança no signo (ou numa razão externa que oriente a ação) e a produção de riqueza em modalidades que não podem ser pensadas ou entendidas com os conceitos da economia moderna. É poder sem logos, ou seja, poder arbitrário, sem relação permanente com um sentido, norma, lei ou uma tarefa particular que possa justificá-lo; ou ainda, mais especificamente, sua relação com estes é arbitrária. Isto é puro poder. Não se trata de um meio para um fim, mas opera de "alguma outra maneira", como diz Walter Benjamin¹⁴.

¹⁴ Walter Benjamin, *The Critique of Violence. Selected Writings*, v. 1, Ed. Marcus Bullock & Michael W. Jennings, Harvard University Press, Cambridge, 2000. p. 236-253.

o empapamento da palavra na política

meio de logos he, 1 consistência maquínica d X + importt papel

mielivalta poder-da-mente

poder sem logos puro poder

1 poder arbitrário

Mielivalta é uma tentativa de compreender a natureza e a lógica de controle das máquinas semióticas a-significantes, cujo modo de funcionamento prescinde da mediação do sentido - e elas precisam funcionar assim, isso é fundamental para elas, porque a arbitrariedade (a perda da fé no signo, no sentido, na lei como o princípio orientador) penetrou nossa experiência imediata. É precisamente esta perda de fé que distingue o poder arbitrário do poder despótico e da sobrecodificação do significado que lhe é característica. Os controles semiocapitalistas são antes funções nuas desprovidas de sentido ou meios operacionais nus (automatismos), sem uma dimensão significativa ou interpretativa que os estabilize ou reduza sua velocidade.

Em uma condição de superabundância de sentido ou de ausência de sentido (signo arbitrário, signo inflacionado), já não estamos mais na esfera de organização com sentido. Já não somos confrontados com a questão da organização através do sentido, mas com a organização do desejo que não busca significar, comunicar ou mediar informação, e sim criar diretamente uma relação com o mundo.

O Discreto Charme do Precariado

Os mecanismos de valorização semiocapitalista já estão na alma da autonomia: as demandas por construir uma vida independente, produzir sentidos próprios, a autoaprendizagem e o cuidar de si de forma autônoma, são exigências que me cercam por toda a parte, sujeitando-me e amarrando-me mais e mais firmemente aos "ambientes naturais" onde eu, quase inconscientemente, pareço saber sempre o que pensar e como me comportar. O verdadeiro problema não é algo externo a nós - como o neoliberalismo, o capitalismo financeiro, banqueiros gananciosos e seus capangas -, pois ele está em nossos corações e mentes, em nossos relacionamentos e amigos. O verdadeiro problema é que meu trabalho se mistura com a minha personalidade e se transforma em uma espécie de buraco negro que me esgota, forçando-me a ser competente em minha própria capacidade (de cooperar e criar sentido, ser inventivo e independente), sugando minha imaginação e energia, e deixando-me vazio de emoções e sentidos, como o Mickey Mouse de Walter Benjamin, sem um corpo real e uma vida real. O verdadeiro problema é a impotência da

o problema é a impotência da cooperação e da política

política
põe de lado
se o conflito
externo é
dentro do Δ

cooperação e da política resultante desse deslocamento de conflitos externos de 'fora' para o 'interior' de mim.

O verdadeiro problema é a fragilidade da cooperação; a dificuldade e lentidão em construir as condições para a criação conjunta; a imprevisibilidade e a rapidez com que a cooperação facilmente cai nos conflitos tradicionais e problemas das comunidades; como tanto a inovação cooperativa "boa" quanto a negação cooperativa "má" dependem da mesma experiência cruel de incerteza; a facilidade com que toda a potencialidade de cooperação transforma-se em violência viciosa.

O verdadeiro problema é como a nossa empatia torna-se reativa e estratégica, algo que inclui a "compreensão" do outro, mas assegura o desenvolvimento desse conhecimento em condições que Bracha Ettinger chamaria de "não-matricial". O verdadeiro problema são os efeitos desastrosos produzidos pelos mecanismos de defesa esquizoide e paranoide e pela empatia estratégica, quando rasgam o tecido psíquico nos momentos potenciais de cooperação, ferindo este espaço frágil onde existe a consciência da conexão entre inúmeros momentos subjetivos, e onde há a possibilidade de conectar-se à potencialidade do outro, entregando-se ao seu poder transformador.

empatia estratégica
fora a pique

Parafrazeando o maravilhoso estudo de Luis Buñuel sobre o estado de espírito burguês, o verdadeiro problema é o discreto charme do precariado.

Parece que, em uma situação onde a auto-organização, cooperação e autoaprendizagem são componentes essenciais dos mecanismos de acumulação semiocapitalistas, o trabalho vivo só pode escapar retirando-se totalmente: longe da cooperação, no "desemprego" total ou em uma participação apenas "aparente", no tédio e na depressão, não dando nada para a empresa, que tomou a forma de uma comunidade auto-organizada ou uma plataforma de aprendizagem.

faixa: retirar-se totalmente

O que é uma comunidade de deprimidos? Como cooperam os oportunistas e cínicos? O pensamento organizacional e político tradicional sempre considerou estes estados de espírito perigosos, pois é impossível controlar as pessoas que não se interessam por coisa alguma; não se comprometem com a tarefa comum;

o calcanhar de
aquiles

não mantêm suas promessas; não têm uma direção clara, um propósito ou consistência em suas ações; ou apenas fingem participar. É precisamente nesse ponto que os métodos clássicos da política e da organização enfrentam hoje seus limites: o *pathos* da distância, a subjetividade humana sem nenhuma direção ou tarefa específica, apática, indiferente e que possui uma imunidade paradoxal para qualquer tentativa significativa de organização.

Contudo, talvez seja desta alta instabilidade e ambivalência - espécie de distância ou indiferença - que deveria partir qualquer pensamento sério sobre a organização da cooperação na atualidade. É "a partir deste *pathos da distância* que eles primeiro arrogaram para si o direito de criar valores"¹⁵. Poderíamos pensar que o "foco pático" da subjetividade, para Guattari, é também a-pático? Ou seja, interpretado positivamente como inquietação ou indiferença àquilo que é calculado para mover sentimentos, estimular o interesse e a ação, e que talvez seja nesta autonomia, intangibilidade ou indiferença (para com todas as tentativas de dirigir e organizar o comportamento e o pensamento) que deveríamos começar a buscar a possibilidade de criação e cooperação - não é o caos, mas a essência do devir que nos dá consistência e que é necessária para a criação.

Esta é a pequena máquina que agora precisa ser montada.

Akseli Virtanen

Tradução de Sara Muzio

15 Friedrich Nietzsche, *Moraalin alkuperästä [Para a Genealogia da Moral]*. Pamfletti, Otava, Helsinki, 1969, I:§2.